

## AS GAMBIARRAS NA PANDEMIA: DAS CONTRA COLONIALIDADES ÀS TEXTUALIDADES

Italo Vinícius Gonçalves<sup>1</sup>  
Fábio Amaral de Oliveira Paes<sup>2</sup>

### Resumo

Gambiarras como táticas subversivas, saberes corporificados, agenciamentos distribuídos e afetos ordinários. Nossa intenção é refletir sobre as gambiarras em período pandêmico, produzidas como uma estratégia de cuidado preventivo à Covid-19. Ao pensá-las por meio do conceito de “texto verbovisual” (ABRIL, 2007), mobilizamos as gambiarras enquanto objetos que promovem redes textuais, tecnologias que são vistas e, ao mesmo tempo, nos olham de volta. Num primeiro momento, discutiremos como tais objetos podem ser vistos enquanto tecnologias que desafiam os operadores lógicos da colonialidade, da modernidade e do capitalismo. Em seguida, usando estudos de caso, pensaremos nas gambiarras em suas relações à própria conformação da pandemia da Covid-19, especialmente em contexto brasileiro.

### Palavras-chave

Gambiarras; Texto Verbovisual; Textualidade; Pandemia.

### Abstract

Workarounds as subversive experiences, embodied knowledge, distributed agency and ordinary affections. Our intention is to discuss workarounds in pandemic times, projected, mainly, as strategies of Covid-19 preventive care. By using the concept of “verbovisual text” (ABRIL, 2007), we think of workarounds as objects that promote textual networks, technologies that are seen and, at the same time, look back at us. At first, we will discuss how such objects can be seen as technologies that challenge the logical operators of coloniality, modernity and capitalism. Then, based on case studies, we will think about workarounds in relation to the very conformation of Covid-19 pandemic, especially in the Brazilian context.

### Keywords

Workaround; Verbovisual Text; Textuality; Pandemic.

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação Social e graduado em Antropologia, ambos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Integra os grupos de pesquisa “Insurgente” e “Políticas, afetos e sexualidades não-monogâmicas” E-mail: [italoviniicius@rocketmail.com](mailto:italoviniicius@rocketmail.com). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0243720657545770>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0437-2966>.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisador colaborador do grupo de pesquisa “Mediação: Grupo de pesquisas em Mídia, Semiótica e Pragmatismo” da UFMG. E-mail: [fabio.amaral.oliveira@gmail.com](mailto:fabio.amaral.oliveira@gmail.com). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2776469118927942>.

## Introdução

Em 11 de março de 2020, a OMS (Organização Mundial da Saúde) decretou estado de pandemia devido ao cenário de propagação do vírus da Covid-19. A partir de então aguardamos oficialmente o seu fim, o que ainda não ocorreu<sup>2</sup>, apesar de todos os abrandamentos da situação desde o início da vacinação contra a doença. Embora o término da pandemia não tenha sido declarado, desde abril de 2022 o governo brasileiro rebaixou o nível dos esforços contra a enfermidade. Em fevereiro de 2020, ao alinhar-se ao cenário global, respondendo à sinalização dada pela OMS, o Brasil posicionou a Covid-19 no quadro de “Emergência de Saúde Pública de Importância Nacional” (ESPIN) - mesmo com posicionamentos públicos do ex-presidente Jair Bolsonaro, questionando a legitimidade do órgão internacional -, o que acabou sendo anulado em abril do ano passado<sup>34</sup> pelo até então ministro da saúde Marcelo Queiroga. Este, alegando melhoria do quadro geral no controle à doença, dadas as taxas de imunização e mortalidade. A ação, no entanto, foi alvo de críticas dos especialistas, apontando precipitação por parte das autoridades responsáveis<sup>5</sup>. Assim, mesmo sem o decreto oficial da OMS, já não nos encontramos em um contexto pandêmico de acordo com o governo brasileiro. Desde então, temos aprendido de maneira cruel - importante dizer, dados os mais de 697 mil mortos pela doença no Brasil até então<sup>6</sup> - que doenças são também, e sobretudo, fenômenos de caráter político e social, e não meramente a alteração da saúde de um corpo frente à ameaça, ou não, de um agente patológico.

Se a percepção social em relação às doenças pode ter ou não sido deslocada, considerando a experiência social que passamos nos últimos anos - e claro, não de maneira homogênea, dadas as distintas vulnerabilidades (e privilégios) compartilhadas por diferentes grupos sociais - a pandemia da Covid-19, no mínimo, visibilizou o caráter político desse

<sup>2</sup> Pelo menos, não até o momento em que este texto foi escrito, terminado em 03 fev. 2023.

<sup>3</sup> “Ministério da Saúde declara fim da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional pela Covid-19”. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/ministerio-da-saude-declara-fim-da-emergencia-em-saude-publica-de-importancia-nacional-pela-covid-19>. Acesso em: 30 jan. 2023.

<sup>4</sup> A revogação dos decretos com finalidade de enfrentamento à pandemia - como feito pelo até então presidente Jair Bolsonaro em maio de 2022 - traz alguns desafios, sendo o corte de verbas um de seus mais preocupantes, uma vez que as medidas sanitárias adotadas ao combate da doença também se ampara pelo nível de atenção dado a ela, o que influencia diretamente no orçamento que será destinado ao seu enfrentamento. Para saber mais sobre tais revogações, consultar em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/05/23/governo-federal-revoga-decretos-de-enfrentamento-a-pandemia#:~:text=O%20presidente%20Jair%20Bolsonaro%20revogou,da%20Pandemia%20da%20covid%2D19>. Acesso em: 30 jan. 2023.

<sup>5</sup> “Quem define o fim da pandemia não é o Ministério da Saúde e nenhum país, mas a OMS”, diz pesquisador em reunião do CNS. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/2446-quem-define-o-fim-da-pandemia-nao-e-o-ministerio-da-saude-e-nenhum-pais-mas-a-oms-diz-pesquisador-em-reuniao-do-cns>. Acesso em: 30 jan. 2023.

<sup>6</sup> Os dados sobre a situação da doença no Brasil podem ser acompanhados pelo link: [https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19\\_html/covid-19\\_html.html](https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html). Acesso em: 30 jan. 2023.

tipo de fenômeno. Durante esses anos, vivemos um período de descaso das autoridades, quando no auge da transmissão da doença sequer tínhamos algum ministro da saúde<sup>7</sup>. E mesmo quando tínhamos, não sabíamos até quando. Foram quatro no total desde o comunicado oficial da OMS, cujas trocas justificam-se apenas pelo quadro de negligência sustentado por Jair Bolsonaro. Além disso, o próprio fato do até então presidente ter decretado o fim da pandemia no Brasil em abril do ano passado, sustentado pelo comunicado de Queiroga, ainda que sem qualquer aval das instituições máximas competentes, já sinaliza em muito a qualidade do cuidado e da atuação do governo federal frente ao acontecimento. Foi um tempo de individualismo radical, e como sintoma, estratégias individuais foram dando lugar a medidas que eram de responsabilidade federal. Nisso tudo, as gambiarras se apresentaram como uma das estéticas materiais que talvez melhor tenham representado o período em que vivemos. Gestos emergentes, contingentes e afetivos que, de maneira precária e situacional, tentavam encontrar alguma saída em meio ao vácuo de informação e atuação por parte do governo federal, bem como à explosão generalizada de um quadro de desinformação, além do esgotamento das políticas públicas necessárias para o enfrentamento do problema.

Se as gambiarras ocupam na minha memória um lugar afetivo, dadas as alegrias vividas na infância em meio a uma coleção de brinquedos confeccionados com a sobra de materiais, fazendo dos restos e dos descartáveis outros mundos possíveis, nos últimos anos, outros eram os afetos mobilizados na feitura de engenhocas produzidas similarmente àquelas de anos atrás. Dessa vez, tendo como companhia o medo, a angústia e a preocupação. A gestos que, para além de uma estetização da existência, foram precisos a fim de garanti-la. A partir das gambiarras, portanto, podemos pensar sobre as sociotécnicas que nos atravessam e nos constituem enquanto sujeitos sociais e políticos, relacionados e implicados uns aos outros. Sociotécnicas que articulam a esfera privada ao mundo social por meio dos emaranhados constituídos entre a criatividade, a precariedade e a afetação.

O objetivo deste texto é pensar as gambiarras enquanto formas de produção textual, social e política. Híbridos sociais que subvertem as ordens modernas e determinismos díspares. Agenciamentos distribuídos que rearranjam significados e reordenam rituais sociais. Afetos desterritorializados. É compreender parte do fenômeno da Covid-19 no Brasil por meio de seus vestígios materiais, fazendo uma arqueologia texto-política através das tramas de sentido que atravessaram as relações sociais nesse período, materializadas sob a forma de gambiarras. Nossa intenção é, portanto, debater os processos de textualização produzidos por e através de gambiarras produzidas durante a pandemia da Covid-19 no Brasil, considerando-as textos verbais (ABRIL, 2007). Assim o fazemos por compreendê-las como tecnologias que possibilitam e colocam em jogo uma série de concatenações entre os campos éticos, sociais, materiais, políticos e culturais, trazendo junto à sua materialidade diferentes processos textuais que a coconstituem, ao conformarem todo o tempo

<sup>7</sup> Desde o pedido de demissão do até então ministro da saúde, Nelson Teich, em 15 de maio de 2020, o cargo só foi assumido quatro meses depois, em 16 de setembro pelo general Eduardo Pazuello.

a expressão de seus gestos, bem como as possíveis leituras de suas realidades. Ao trazer as gambiarras aos estudos de textualidade também temos o interesse de superar uma dupla lacuna, seja na bibliografia dedicada a esses artefatos ou àquela direcionada aos processos de textualização, “objetos” até então desconhecidos, ou ao menos, escassamente articulados.

De antemão, pontuamos que este trabalho foi inspirado diretamente pela fricção de dois textos aos quais nos deparamos durante os estudos na pós-graduação em Comunicação Social: *“Saco plástico na cabeça: a gambiarra na pandemia”* de Sabrina Sedlmayer (2020) e *“Por uma epistemologia da gambiarra: invenção, complexidade e paradoxos nos objetos técnicos digitais”* de José Messias e Ivan Mussa (2020). Tomando-os como pontos de partida, exploraremos mais as bibliografias relativas tanto às gambiarras quanto às textualidades, dando contornos mais precisos à nossa proposta à medida que encontrarmos pontos possíveis de articulação.

O texto, assim, contará com a seguinte estrutura: em um primeiro momento, discutiremos, afinal, o que são as gambiarras. Para compreender as significações que o termo carrega, bem como suas reverberações, é preciso, antes, voltar a sua historicidade. Em seguida, pensaremos como os gestos envolvidos nos processos de sua confecção também nos informam acerca da modernidade e da colonialidade a qual tais artefatos estão em constante tensionamento, observando as relações entre poder e materialidade. Por fim, exploraremos a partir de alguns exemplos trazidos pelo jornalismo - seja em matérias online ou televisivas - os processos textuais coconstituintes aos gestos de produção das gambiarras em período pandêmico. A intenção é mapear parte da tessitura das redes textuais implicadas a esses objetos, considerando suas reverberações sociais, políticas e midiáticas.

## Gambiarra: de objeto à marca identitária

Na tese intitulada *“Fundamentos da gambiarra: a improvisação utilitária contemporânea e seu contexto socioeconômico”*, Bouffleur (2013) aborda a gambiarra tanto no caráter material quanto em seu aspecto técnico, sempre produzida a partir de uma lógica desviante e intervencionista com aquilo que se tem à mão. Munindo-se de inúmeros exemplos (nas esferas do entretenimento, alimentação, saúde, higiene, espaço doméstico/público e transportes), o autor pensa na relação que estabelecemos com estes objetos em nosso dia a dia.

Originalmente, o termo “gambiarra” tem sua história atrelada à expansão dos centros urbanos, sobretudo no processo de ampliação do fornecimento de energia elétrica no país, mas também à discrepância social de seu acesso. Isto porque, tradicionalmente, gambiarras qualificavam as extensões de luz de tipo irregular, tomadas como seu principal significante, ideia que nunca deixou de existir. Bouffleur, contudo, identifica que o sentido de extensão atrelado à palavra foi sendo modificado ao longo do tempo, culminando nas expressões mais popularmente conhecidas atualmente: “gato”, fiações

ilegais, conexões irregulares; todos verificados em jornais da década de 80 (*ibidem*, p. 21). Soma-se a isso a ideia do “jeitinho brasileiro”, acabando por deixar a expressão como um equivalente ao “tosco”, ao “precário” ou ao “mal feito”. Logo, à malandragem do nosso povo (*ibidem*, p. 22).

Extrapolando os usos feitos pelo autor, a gambiarra aqui se desdobra nos dois sentidos conferidos à noção de “imagem” por Gonzalo Abril (2007): de um lado, a imagem como fonte visual, da ordem do visto, mas também do encoberto, invisibilizado; de outro, a imagem como “imaginário”, parte inextricável do processo de formação de nossas representações sociais, cujos vínculos são mais ou menos aparentes a depender de seus atores, bem como de suas mobilizações. Além desses, é igualmente mirada; somos por elas, olhados de volta.

Essa expressão popular, no entanto, tem sido reciclada não somente a nível acadêmico, quanto também artístico. Hoje, as gambiarras se tornam coisas e fenômenos particularmente interessantes e potentes justamente pelo seu caráter pragmático e familiar. Sendo uma prática social cotidiana, acaba por revelar modos de (des)pertencimento, (des-re)territorialização, produção de saberes e modos de existência.

(...) o que nós brasileiros, apelidamos como "gambiarra": uma improvisação feita com o que se tem em mãos para sanar uma específica necessidade. Quase sempre originada de forma espontânea, uma gambiarra parte de um produto ou material preexistente e o transforma. Altera a forma anterior para adequá-lo àquela nova emergência. Com isso, cria-se outro objeto. Geralmente não tem valor algum de troca no mercado porque não faz parte do sistema econômico do capitalismo. (SEDLMAYER, 2020, online).

Se de um ponto de vista “clássico”, compreendemos as gambiarras como soluções provisórias, desviantes e intervencionistas, oriundas de um cenário caracterizado pela carência e a escassez, hoje, há também um movimento revisionista destas categorias. O precário não mais enquanto um equivalente à falta ou ao “grosseiro”, ao malfeito, mas sim como aquilo que permitirá o transbordamento a uma série de normas técnicas e sociais que permeiam o modo como humanos e objetos estão imbricados e correlacionados. Assim, de pouquidade, as gambiarras ganham agora um caráter tático e político, à medida que são vivenciadas enquanto estratégia de resistência.

Se os estudos sociais têm como pretensão tornar estranho aquilo que percebemos como familiar, fazemos da gambiarra fonte pura de investigação. Antes de iniciarmos aquilo que realmente pretendemos, discutir as textualizações emergidas e expressas por e através das gambiarras, localizaremos nosso objeto de estudo. Por que uma prática tão comum e dispersa se faz tão instigante?

## A gambiarra como tática contra-colonial

Antes de mais nada, pensemos nas gambiarras em seu caráter constitutivo: sua existência precária sinaliza a posição de um sujeito que usa do corpo e de suas possibilidades técnicas o meio pelo qual o mundo poderá ser tocado, assim como sinaliza qual mundo é este em que lhe é permitido existir. Aqui, tanto o corpo faz o objeto como também o seu inverso. A separação entre corpo e técnica, bem como entre corpo e saber, todavia, está naturalmente dada pelo jogo imposto pela modernidade: ter um corpo e mobilizar um saber se situam em esferas distintas de acordo com a lógica colonial. Dessa cisão, espera-se a dissipação das singularidades e o esvaziamento das identidades, ambas em prol de um sujeito epistemológico universal (SCOTT, 2011), orientado pela subjetivação do colonizador e o assujeitamento dos colonizados. Assim, a empreitada colonial não apenas requer a colonização dos corpos e das práticas, mas principalmente das mentes e dos imaginários (HOOKS, 2019). Ao arquitetar o mundo por meio de ações eurocêntricas de dominação, cria-se mais que uma geopolítica da existência, mas também um roteiro no qual os desejos podem ou não perambular, onde seus fluxos iniludivelmente serão capturados pelas entranhas de sua estrutura, e por isso, tão difíceis de se emanciparem coletivamente. A imaginação, nesse processo, acaba tendo em suas tonalidades a marca da violência e da norma como as suas cores de referência.

Messias e Mussa (2020), ao pensarem sobre os modos de existência técnica de objetos digitais (jogos, sobretudo), consideravelmente inspirados pela noção de “individualização” de Simondon (2017), caminham sobre um terreno filosófico que busca compreender a técnica da existência. A gambiarra é usada como um “operador fundamental às relações entre técnica, corpo e sociedade” (*ibidem*, p. 173), e a discussão se realiza por meio da articulação entre três principais eixos: cognição corporificada, materialidade e comunicação, todas elas unificadas através da performance obtida por meio das gambiarras. Por isso, a gambiarra é pensada enquanto um gesto de subversão à separação entre o sujeito e o objeto, tal qual aquela instituída pelo saber moderno ocidental. Ainda, segundo os autores, a precariedade é apontada como um dos elementos cruciais à insubordinação técnica efetivada no momento de sua concepção. Como apontamos anteriormente, é justamente pela via da precariedade que o imaginário comum sobre essas coisas se sedimenta, atrelando-se à imagem de uma suposta identidade nacional. À medida que contestamos a obsolescência das coisas e lhes damos outras possibilidades de existência, desfazemos sua programação, alteramos o curso de um destino que só tem esgotado mais e mais o planeta. Criamos novas formas de relações com o mundo.

A chave aqui é decolonial, à medida que “procura-se sair de um contexto pós-colonial de precariedade como desigualdade socioeconômica regional, para uma ideia de precariedade e improviso como forma de conhecer” (*ibidem*, p. 176). Se a técnica

também é colocada como uma dimensão da realidade, quais realidades emergem através dos conjuntos técnicos, materiais e corporificados impressos nos processos de produção de artefatos gambiarrentos?

Um outro autor que vem trabalhando as gambiarras em sua dimensão de resistência ao sistema capitalista e ao colonialismo, e que talvez nos indique alguns caminhos possíveis para responder a questão trazida acima, é Ernesto Oroza (2012), artista cubano que viu nesses objetos uma forma de expressão e criação coletiva. Se o embargo sofrido por Cuba acarretou a falta de matérias-primas e de itens básicos - bem como todo um conjunto de maquinários, desde eletrodomésticos, automóveis e instrumentos fabris -, foi por meio da estilização gambiarrenta da existência que muitos dos modos de vida encontrados hoje no país encontraram seu ponto de partida. Desprovidos do básico, a "ausência" deu lugar à "abundância", dado o "repovoamento técnico" empreendido pela população a partir daquilo que se encontrava na ilha. Não somente essa ação se deu pela via da espontaneidade, como também pela convocação da população, por parte do Ministério das Indústrias, a atuar em sua confecção generalizada, como bem nos lembra o autor.

**Imagem 1: Convocação por parte do Ministério da Indústria cubano para que a população construísse seus próprios maquinários**



Fonte: <http://www.ernestooroza.com/desobediencia-tecnologica-de-la-revolucion-al-revolico/>

Por essa via, instrumentos antes impensáveis não somente preencheram as lacunas de suas necessidades, como também criaram novas possibilidades de habitação. A essa virada, Oroza denomina-lhe de “desobediência tecnológica”, que traz como marca não apenas o esgotamento de um sistema de produção deixado para trás devido à insuficiência de recursos, como também o cansaço de seus cidadãos à espera de algo que venha-lhes em seu socorro.

Pensando nos objetos que cataloga, em visita aos domicílios na região de Havana, onde vive, Oroza classifica os gestos de suas execuções em três tipos, de acordo com a qualidade da intervenção atribuída: a) reparar, devolvendo não somente a capacidade técnica aos objetos, conservando suas funções originais, mas também realizando um trabalho de equilíbrio na dependência entre humanos e coisas, uma vez que ambos, nesse contexto, necessitam um do outro para a continuação de sua existência e ao suprimento de suas necessidades b) refuncionalizar, que no proveito das qualidades técnicas de um objeto (sejam elas relativas à sua matéria, forma ou função), este é reconvocato a atuar, mantendo ou não o seu “contexto” original c) reinventar, que nada mais é que a criação de novos objetos a partir de outros descartados, e que para Oroza também traz em seu gesto uma oposição à ideia de “inovação” - comumente entendida como sinônimo de melhora na eficiência, ainda que não necessariamente o seja - instituída pelo capitalismo a fim de fundar uma nova temporalidade sobre as coisas - e por extensão, também aos seus humanos.

**Imagem 2: Objeto catalogado por Oroza**



Fonte: <https://assemblepapers.com.au/2017/04/28/technological-disobedience-ernesto-oroza/>

Embora tenha ocorrido uma grande circulação de “gambiarras pandêmicas” no enfrentamento ao vírus da Covid-19, como receitas caseiras com produtos naturais que supostamente curariam a doença (ou até o uso de água sanitária, recomendada, inclusive, pelo ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump)<sup>8</sup>, ou mesmo para a fabricação autônoma de álcool em gel (dentre outros utensílios bastante em voga no pico da contaminação pelo vírus), este trabalho não vislumbrará tais expressões. Aqui, trabalharemos com alguns exemplos noticiados pela mídia que mostram a remodelação de objetos cotidianos para a proteção e a desaceleração do contágio pelo vírus, tal como para lidar com alguns dos efeitos provocados pela quarentena nos primeiros meses da pandemia, sobretudo no Brasil.

### A gambiarra e suas textualidades

Giovanna Antonelli, conhecida atriz global, repercutiu em várias plataformas da web em julho de 2020 ao compartilhar sua estratégia para o enfrentamento à pandemia da Covid-19. O apetrecho é bastante simples e necessita de apenas três itens para a sua construção: um isqueiro, um clipe de metal e um pedaço de fita isolante. A ideia é que o objeto possa ser útil no contato a superfícies potencialmente contaminadas. Assim, ao apertar o botão do elevador ou digitar a senha do cartão bancário em alguma maquininha com o auxílio do objeto, o mesmo permitiria que a ponta do clipe fosse instantaneamente esterilizada pela chama, eliminando as chances de sobrevivência do vírus. O objeto foi carinhosamente apelidado de “queima vírus” pela atriz.

**Imagem 3: Giovanna Antonelli apresentando o seu “queima vírus”**



Fonte: <https://twitter.com/zehzito/status/1278879168030216193>

<sup>8</sup> “NY registra aumento de intoxicação por desinfetante após sugestão de Trump”. Disponível em: <https://exame.com/mundo/ny-registra-aumento-de-intoxicacao-por-desinfetante-apos-sugestao-de-trump/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

Giovanna relatou pelo *TikTok* sua aflição frente à disparada dos casos confirmados, em um cenário de total desesperança devido ao teor dos pronunciamentos feitos pelo até então presidente da república. Assim, quando seu vizinho lhe apresentou o apetrecho recém-criado, Giovanna conta que adaptou todos os isqueiros da casa. O vídeo também recebeu comentários como “*Apresento a nova ministra da saúde, Giovanna Antonelli*”, brinca um internauta no *Twitter*<sup>9</sup>, ironizando a falta de um ministro da saúde durante a pandemia no Brasil há pouco mais de dois meses, desde a saída de Nelson Teich em 15 de maio.

Um outro exemplo vem do edifício Village, um condomínio de classe média alta em São Conrado, bairro da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Na matéria publicada pela revista *Veja* (RJ)<sup>10</sup>, responsável por repercutir o caso, a criação de um morador (não identificado) foi enunciada como uma “gambiarra do bem”. Segundo a reportagem, que também caracterizou a invenção como “inteligente”, a mesma teria a capacidade de nos “surpreender”.

#### Imagem 4: Gambiarra divulgada pela Revista Veja (2020)

### Coronavírus: essa gambiarra ‘do bem’ em São Conrado vai te surpreender

Morador do condomínio Village, a poucos metros do Fashion Mall, fez um improviso inteligente no elevador; bairro tem três casos de coronavírus confirmados

Por Cleo Guimarães - 18 mar 2020, 17h47



Fonte: <https://vejario.abril.com.br/beira-mar/coronavirus-gambiarra-em-sao-conrado/>

Divulgada em março de 2020, período de início da quarentena no Brasil, a iniciativa surgiu após um residente se alarmar com a confirmação dos três primeiros infectados pelo vírus em São Conrado (49 confirmados em toda a cidade do Rio de Janeiro

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/giovanna-antonelli-viraliza-na-web-com-truque-que-queima-o/146050/>. Acesso em: 25 out. 2022.

<sup>10</sup> “Coronavírus: essa gambiarra ‘do bem’ em São Conrado vai te surpreender”. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/beira-mar/coronavirus-gambiarra-em-sao-conrado/>. Acesso em: 25 out. 2022.

na data da notícia). Embora a gambiarra de São Conrado tenha um objetivo similar ao apetrecho anterior exibido por Antonelli, esta dependeria também de uma gestão coletiva para a continuidade de seu funcionamento, dada a necessidade de reposição dos palitos. Diferentemente do caso anterior, aqui observamos uma tecnologia que necessitaria da mobilização de corpos, gestos e afetos outros para a permanência de seu uso. A durabilidade seria, principalmente, uma questão de alteridade. Entretanto, outra camada textual nos chama a atenção: a forma de seu noticiamento.

O título dado à reportagem *“Coronavírus: essa gambiarra ‘do bem’ em São Conrado vai te surpreender”* traz, pelo menos, duas ideias acerca do objeto. A primeira se refere à expressão “do bem”. Se gambiarras são envoltas por um imaginário em que o “malfeito”, o “ilegal”, o “desonesto” e o “precário” andam juntos, aqui lidamos com uma reiteração desses princípios. A revista, ao qualificar positivamente a gambiarra feita no condomínio Village, assume uma posição discursiva que coloca na ordem do dia o mesmo imaginário. A expressão, mesmo utilizada positivamente dada a excepcionalidade do período, ainda atuaria na perpetuação e na cristalização do imaginário da ma landragem técnica brasileira, da irregularidade cotidiana presente como norma usual.

A segunda, por vez, se mostra menos precisa. Nos perguntamos aqui se o “surpreendente”, contido no título, refere-se à competência técnica do objeto, ao modo como foi pensado em articulação a preocupações de outras ordens (como seu caráter coletivo ou até mesmo seu cuidado com a higiene ao se utilizar um copinho como lixeira), ou ao fato de ter sido projetado por um morador de um condomínio de classe média alta numa região da zona sul da cidade do Rio de Janeiro (causando uma contradição no imaginário do termo)?

Se a proliferação em escala mundial de um vírus como este é (pelo menos, potencialmente) capaz de nos fazer repensar nossas relações com as “espécies companheiras” (HARAWAY, 2021) que dão ritmo, forma e tempo à nossa existência, ou seja, estes “outros” (vírus, animais, vegetais e algoritmos, por exemplo) que fazem parte da constituição de nosso ser tanto a nível biológico quanto histórico, cultural e social, mais evidente ainda é o modo como sua presença também consegue visibilizar diversas facetas de nossas dinâmicas e estruturas sociais. Se o vírus Sars-CoV-2 certamente não é fruto de uma fabricação intencional, como alguns grupos ultraconservadores continuam argumentando, o acontecimento pandêmico não deve ser, de maneira alguma, restrito à esfera da biologia, justamente pela pandemia ser um sintoma dos efeitos decorrentes das lógicas neoliberais que estruturam distintivamente diferentes territórios ao redor do globo, bem como as atividades e relações possíveis da humanidade com o seu entorno a fim de atender o mercado - o deus onipotente e onipresente desse estado de natureza chamado capitalismo. Assim, mais que o efeito de uma propagação viral, toda pandemia é o resultado de um regime político orientado, principalmente, pelas determinações econômicas vigentes.

Assim, a desigualdade social vem sendo reapresentada de múltiplas formas em decorrência da (então irônica chamada) “suspensão do social” trazida pela pandemia. Um dos processos mais delicados em meio a toda essa convulsão refere-se à prática do ensino. Pais que pedem o retorno das atividades escolares, aulas que voltam e rapidamente são suspensas pela precariedade em lidar com o vírus, a desvalorização da classe de ensino pelos representantes do governo federal, professores que lutam com rotinas sobrecarregadas devido à dissolução das fronteiras entre trabalho e esfera doméstica, e alunos que se veem impossibilitados de acessar as aulas remotas devido às suas acentuadas diferenças socioeconômicas. Em meio a tudo isso, a questão da reabertura das escolas também se torna pauta e disputa política<sup>11</sup>. Atravessadas por todas essas redes textuais, as gambiarras de ensino.

Portanto, seguindo a proposição de Abril (2012), entendemos a imagem nunca como algo exclusivamente visual, mas como tramas produzidas por emaranhados sociais, políticos, técnico-científicos, dentre outros. Assim, ao propor que imagens sejam compreendidas por meio da noção de “textos verbovisuais”, o autor rompe com a tradição interpretativa imanentista, considerando-as unidades comunicativas sustentadas por práticas discursivas inseridas em redes textuais (*ibidem*, p. 16). Com a passagem da “imagem” a “texto verbovisual”, somos provocados a pensar nas tonalidades das tramas que as constituem, cuja tessitura é sempre o produto do imbricamento de suas filiações no bojo das interações sociais.

Considerando todas as narrativas que atravessaram a prática do ensino durante o período pandêmico, bem como a conceitualização de Abril, vejamos algumas gambiarras produzidas no imbricamento de tais emaranhados.

#### Imagem 5: Gambiarra feita para a gravação de aulas remotas na pandemia



Fonte: Programa “Bom dia Rio”, Rede Globo de Televisão (30 maio de 2020). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8617181/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

<sup>11</sup> “Disputa jurídica por volta às aulas no RS pode ser repetida em outros estados; entenda”. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/disputa-juridica-volta-as-aulas-rs-repetida-outros-estados/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

Imagem 6: Mesa digitalizadora criada por professora



Fonte: Programa "Bom dia Rio", Rede Globo de Televisão (30 maio de 2020). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8617181/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

Enquanto na imagem 5 temos um suporte para *smartphone*, na 6 vemos algo um pouco mais inusitado: uma mesa digitalizadora, ambos confeccionados por professoras da rede pública de ensino. Apoiado sobre uma pilha de livros, o vidro serve como um suporte para o celular que, com a câmera traseira, consegue registrar o conteúdo selecionado pela docente, situado logo abaixo. Com a ajuda de um *app* instalado em seu celular, Ana transmite simultaneamente os vídeos gravados ao seu notebook. Acompanhando as imagens transmitidas pelos canais de TV, notamos o tom enfático dado ao compromisso assumido por essas profissionais em meio ao descaso da educação pública. Professoras que, como podem, bem como impulsionadas pelos afetos que lhes atravessam, reorganizam suas relações de ensino e com o ensino, mediadas por tecnologias às quais foram convocadas a criar, respondendo às urgências sociotécnicas da temporalidade pandêmica brasileira. Assim, também (re)apresentam muito de si mesmas no momento em que jogam com as possibilidades de suas afetações.

A poética da gambiarra vem do fato de não se limitar a cumprir ou executar, mas dialogar, não só com as coisas, mas também através das escolhas feitas entre as possibilidades limitadas, o repertório e a vida do criador. Alguma coisa de si sempre é colocada na gambiarra. Ela está, portanto, à mercê das contingências, das urgências, restrições e adversidades do mundo externo ou interno, na forma das idiossincrasias. Criamos estruturas, sob a forma de seus artefatos, por meio de eventos contingentes (SOUZA, 2011, p. 5).

Por fim, mas não menos importante, trazemos as máscaras. Estas, que se tornaram um dos principais símbolos da pandemia da Covid-19. Elas não apenas apresentam graus de inventividade, paródia, humor e contestação política, mas são igualmente capazes de nos (re)apresentar discursos e estruturas sociais. Discursos que se materializ-

zam e se reencarnam, tomamos por diferentes corporeidades. Discursos que circulam nas ruas de inúmeras maneiras. Desde moradores de rua multados pela guarda municipal da cidade do Rio de Janeiro por estarem sem elas<sup>12</sup>, até as falas de Jair Bolsonaro que, reiteradamente, qualificaram o pânico social referente à Covid-19 enquanto “conversinha mole”, “coisa de covarde”<sup>13</sup>. A máscara, por sua vez, se torna “coisa de viado”<sup>14</sup>.

No texto *“Do modo de existência dos objetos técnicos”*, Simondon (2017) sinaliza a “purificação” pela qual os objetos - e suas técnicas - são submetidos na modernidade, responsável pelo estabelecimento de fronteiras entre o domínio do social e não social, na medida em que estes são ritualmente desvinculados de suas condições culturais de existência, resultando nas purificações<sup>15</sup>. Imperativo da racionalidade moderna, o projeto de purificação não só estabelece o limite entre o social e a técnica, como também as possibilidades de nossa relação com o mundo. As máscaras de proteção contra a Covid-19, no entanto, permitem que observemos uma espécie de “reumanização” dos objetos, considerando a visibilização das estruturas sociais que, ao serem filiadas a uma nova temporalidade, suspendem a suposta “neutralidade” técnica das coisas. Elas, como textos verbovisuais, possibilitam leituras de mundo na medida em que nos atravessam, bem como nossas relações. Enquanto textos, assumem seu caráter provisório e instável (LEAL, 2018), colocando à tona, por meio de novas associações, velhas arquiteturas do mundo social.

Como exemplo bastante significativo, temos alguns relatos de homens negros que, com medo de serem confundidos com criminosos, viram-se ameaçados pelo uso obrigatório do equipamento, mesmo nos períodos mais severos de controle à propagação da Sars-CoV-2. Conforme noticiado em alguns jornais, contam que a frequência das perseguições e abordagens policiais em razão do uso do equipamento de proteção, disparou. Máscaras que, em corpos pretos, produzem outras camadas de significados, e também de corporeidades. Na reportagem concedida ao caderno “Universa”, de domínio da UOL, Cléber (26 anos), Gabriel (30) e Cassimano (37) contam que o uso da máscara potencializou as agressões de cunho racistas contra eles. Relatam a constância com que viaturas policiais os acompanham em vias públicas e guardas de bancos

<sup>12</sup> “Guarda Municipal do Rio multa morador de rua por não usar máscara”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/07/guarda-municipal-do-rio-multa-morador-de-rua-por-nao-usar-mascara.shtml>. Acesso em: 25 out. 2022.

<sup>13</sup> “Bolsonaro diz que ‘fique em casa’ é para os ‘fracos’: ‘Conversinha mole’”. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/09/18/bolsonaro-diz-que-fique-em-casae-para-os-fracos-conversinha-mole.htm>. Acesso em: 25 out. 2022.

<sup>14</sup> “Máscara é coisa de viado”, dizia Bolsonaro na frente de visitas”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/07/mascara-e-coisa-de-v-dizia-bolsonaro-na-frente-de-visitas.shtml>. Acesso em: 25 out. 2022.

<sup>15</sup> Purificações que embora sejam acionadas discursivamente pelo dispositivo moderno do conhecimento, na prática, dão lugar a uma miríade de hibridismos, como nos sinaliza Latour (1994) acerca da modernidade.

que, ao lhes verem entrando nas dependências das agências, preparam suas armas<sup>16</sup>. A situação pode ser acentuada no caso de máscaras caseiras ou gambiarras, no qual panos diversos são usados para tal finalidade<sup>17</sup>. A cidade estadunidense de Lincoln, no estado de Oregon, chegou a isentar o uso de máscara pela população negra em pleno pico da pandemia (junho/2020) a fim de evitar esses possíveis “equívocos”<sup>18</sup>.

Máscaras se tornam parte dos dispositivos de gênero, classe e raça ao modular as relações pandêmicas a nível micro e macro estrutural. Assim, voltamos a reafirmar que “nas suas relações, os textos contêm, em maior ou menor grau, um elemento de alteridade” (LEAL, 2018, p. 33), alteridade que pode ser expressa de maneira ainda mais evidente naquilo que Barthes (1970) conceitua como “colaboração”, ou seja, as leituras feitas daquilo que foi dito por alguém (suas expressões), culminando num complexo e infundável jogo textual. Portanto, a comunicação em jogo pela gambiarra é “aquela que se instaura pela disputa, pelo ruído e pelo paradoxo provocado pela ressonância entre lógicas dissonantes” (MESSIAS; MUSSA, 2020, p. 181). Vejamos algumas máscaras-gambiarras (e outros equipamentos de proteção) que denotam tais jogos.

#### Imagem 7: Homem usando sacola como medida preventiva



Fonte: <https://oglobo.globo.com/fotogalerias/veja-uma-serie-de-mascaras-incomuns-pelo-mundo-em-meio-pandemia-de-covid-19-24357851>

<sup>16</sup> “Homens negros relatam casos de racismo por utilizar máscaras na rua”. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/05/08/homens-negros-relatam-casos-de-racismo-por-utilizar-mascaras-na-rua.htm>. Acesso em: 25 out. 2022.

<sup>17</sup> “Por que os negros dizem que não usarão máscaras caseiras contra o coronavírus”. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/04/07/por-que-os-negros-dizem-que-nao-usarao-mascaras-caseiras-contra-o-coronavirus>. Acesso em: 25 out. 2022.

<sup>18</sup> “An Oregon county drops its mask exemption for people of color after racist response”. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/06/24/us/oregon-county-people-of-color-mask-trnd/index.html>. Acesso em: 30 jan. 2023.

**Imagem 8: Bodes usando panos como medida preventiva**



Fonte: <https://drive.google.com/file/d/1jyBEkkvRmK4tpZ9cDd9n7tlxjU6uc3NN/view><sup>19</sup>

**Imagem 9: Meninas usando folhas de verduras como medida preventiva**



Fonte: <https://oglobo.globo.com/fotogalerias/veja-as-imagens-mais-marcantes-da-semana-pelo-mundo-24379791>

<sup>19</sup> Pasta do google drive disponibilizada pela pesquisadora Sofia Maria Pires de Melo, bacharel em literatura brasileira pela UFMG.

As gambiarras, portanto, suscitam e visibilizam uma série de dimensões afetivas. Se o corpo é primordial no processo de imaginação e criação de tais materialidades, os afetos não se dissociam dessa cadeia operatória de produção, eles a atravessam de uma ponta a outra, desde os gestos, seus produtos “finais” e as relações engendradas por esses protótipos.

A prática da gambiarra rearranja não apenas materiais da vida cotidiana, mas também a própria partilha do sensível, os lugares fixados para cada corpo, os usos destinados para cada produto, os modos de operar já codificados. Trata-se de um rearranjo da matéria que ressignifica simbolicamente a realidade, alterando fragmentos do mundo comum (ASSUNÇÃO; MENDONÇA, 2016, p. 109).

Gambiarras contra pandêmicas expressam uma série de perspectivas localizadas, demarcando diferentes níveis de relação entre corpos, subjetividades e grupos sociais. Expressam relações díspares entre indivíduo-sociedade, contém em sua performance múltiplos graus de alteridade. Trazem consigo efeitos de alteridade e afetação, ações que nunca se separam porque são individual e coletivamente encarnadas.

[A gambiarra] traduz um encontro com a alteridade, condicionado pelas categorias de precariedade e improviso tomadas sob um ponto de vista complexo que inclui as agências não humanas de políticas públicas, infraestrutura técnico-científica, contextos socio-históricos, capacitação e letramentos cognitivos, entre outros efeitos e demandas do capitalismo na Modernidade (MESSIAS; MUSSA, 2020, p. 177).

Como diria Haraway (2021, p. 15), “o mundo é um nó em movimento”, e a gambiarra, além de nos oferecer uma nova lente para o diagnóstico dos possíveis nós que nos circundam, é também “a fome saciada de diversas formas” (ANDRADE, 2019, p. 344), ainda que nem sempre haja o que comer.

## Algumas considerações finais

A intenção desse texto foi resgatar as gambiarras em sua dimensão textual, considerando as textualidades que as circundam também como parte de suas condições de existência. Assim, o objetivo foi sair de uma visão imanentista desses objetos, mas compreendê-los como tramas tecidas por diferentes discursos, corpos, gestos, materialidades e técnicas social e politicamente construídas. Por essa razão, o uso conceitual de Gonzalo Abril foi preponderante neste projeto, ao pensarmos as gambiarras enquanto miradas que, ao serem olhadas, nos olham de volta e nos oferecem condições de (re)interpretação do mundo e de nossas posições enquanto sujeitos. As gambiarras se revelam figuras potentes devido aos modos com que seus gestos e materialidades

acionam diferentes redes textuais, desde sua “convocação social” à existência até o momento em que se filiam ao mundo, atravessadas por tramas tecidas por narrativas sociais de caráter político, ético e cultural, pondo em jogo toda uma gama de hibridismos, sociotécnicas e imbricamentos relacionais.

O período pandêmico trouxe à tona um conjunto bastante heterogêneo de formas de atuação social, jogando luz a diversas estruturas e camadas culturais, técnicas e políticas. Camadas estas que agem como exterioridades constitutivas (RIBEIRO; MARTINS; ANTUNES, 2017), que tornam possíveis as feitura desses objetos e os espaços que ocupam socialmente. Como elucidado sob diferentes escalas ao longo do artigo, toda a cadeia operatória gambiarrenta, desde as técnicas até os seus resultados finais, acabam materializando alteridades díspares. Modos de composição do mundo em que o corpo se torna central justamente por ser o instrumento de conhecimento primário de todo ser humano. Afinal, “O mundo está repleto de trabalhos esperando para serem feitos, e o destino da obra está presente em nossos corpos” (SOUZA, 2011, p. 5). Portanto, por meio das gambiarras também conseguimos estabelecer uma série de diálogos possíveis entre o campo da materialidade e o dos estudos decoloniais, zonas frequentemente apartadas.

Agindo enquanto “índices de sua própria historicidade” (ABRIL, 2007, p. 103), as gambiarras pandêmicas atuam como formas de resistência, paródia, contestação e reafirmação das relações entre diferentes grupos e sujeitos. Demarcam uma temporalidade materializada pelos usos espontâneos, criativos, precários e subversivos, mas que também atuam enquanto um mediador entre relações humanas e os vírus, “espécies companheiras” (HARAWAY, 2021) que sempre atravessaram e modularam a história humana. E, principalmente, profanam fronteiras e arquiteturas purificadas pelo mundo moderno, ainda que este se sustente pelos hibridismos dos quais somos parte.

## Referências

ABRIL, Gonzalo. **Análisis crítico de textos visuales**. Madrid: Editorial Síntesis, 2007.

\_\_\_\_\_. **Tres dimensiones del texto y de la cultura visual**. Sevilla: Revista IC, 2012.

ANDRADE, Luiz. **Jacuba é gambiarra; Jacuba is a gambiarra**. Edição bilíngue. Trad. Rodrigo Seabra. Belo Horizonte, Autêntica, 2017. Revista Literatura: Teoria, História, Crítica, 2019.

ASSUNÇÃO, Helena; MENDONÇA, Ricardo. A estética política da gambiarra cotidiana. **Revista Compolítica**, v. 6, p. 92-114, 2016.

BARTHES, Roland. **S/Z**. Paris: Éditions du Seuil, 1970.

BOUFLEUR, Rodrigo. **Fundamentos da gambiarra**: a improvisação utilitária contemporânea e seu contexto socioeconômico. 2013. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras - cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HOOKS, Bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

LATOURE, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LEAL, Bruno. Do texto à textualidade na comunicação: contornos de uma linha de investigação. In: LEAL et al. (Orgs.). **Textualidades midiáticas**. Belo Horizonte: PPG-COM/UFMG, 2018.

MESSIAS, José; MUSSA, Ivan. **Por uma epistemologia da gambiarra**. MATRIZES, v. 14, n. 1, 2020.

OROZA, Ernesto. **Desobediencia tecnológica. De la revolución al revolico**. Disponível em: <http://www.ernestooroza.com/desobediencia-tecnologica-de-la-revolucion-al-revolico>. Acesso em: 30 jan. 2023.

RIBEIRO, Ana Paula; MARTINS, Bruno; ANTUNES, Elton. **Linguagem, sentido e contexto**: considerações sobre comunicação e história. Porto Alegre: Revista Famecos, 2017.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. *A escrita da história*: novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, p.65-98, 2011.

SEDLMAYER, Sabrina. **Saco plástico na cabeça**: a gambiarra na pandemia. n-1 Edições, 2020. Disponível em <https://www.n-1edicoes.org/textos/74> Acesso em out. de 2020.

SIMONDON, Gilbert. **On the mode of existence of technical objects**. Minneapolis, MN: Univocal, 2017.

SOUZA, Iara. **A gambiarra**: o devir artefato. In: VI Reunião Científica da ABRACE, Porto Alegre, 2011.